

# Pós-modernidade, ética e educação<sup>1</sup>

Robinson dos Santos<sup>2</sup>

O autor da obra, Pedro Goergen, é, atualmente, docente (professor titular) e pesquisador na Universidade Estadual de Campinas na área de Filosofia da Educação. Seus trabalhos abrangem temas como educação comparada, relação teoria e prática, formação de professores, Modernidade, pós-modernidade, assim como as relações entre ética, estética e educação. Encontram-se entre suas publicações mais recentes o livro *Formação de professores, a experiência internacional sob o olhar brasileiro*, feito em colaboração com Dermeval Saviani, o qual já está na sua segunda edição.

A obra está estruturada em quatro capítulos que correspondem aos seguintes títulos: “Da crítica à negação da razão moderna”, “O novo contexto: pós-moderno?”, “Tempos de pós-moralidade?” e “Novas perspectivas para a educação”.

Na primeira parte, o autor expõe, de modo geral, as características da Modernidade em relação ao período medieval, bem como algumas preocupações de seus principais representantes. Numa das passagens, o autor sintetiza “as principais características do projeto moderno são a ilimitada confiança na razão, capaz de dominar os princípios naturais em proveito dos homens e a crença numa trajetória humana que, pelo mesmo uso da razão, garantiria à sociedade um futuro melhor”. (p. 12-13) O sujeito, por meio da racionalidade, afirma-se e torna-se independente de qualquer instância divina. A fé expressa-se por meio da confiança na razão e no progresso.

Uma das questões enfatizadas pelo autor é a que Max Weber colocou na sua crítica ao projeto moderno, isto é, a predominância da *Zweckrationalität*, ou seja, a

<sup>1</sup> GOERGEN, Pedro. *Pós-modernidade, ética e educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. 95 p. (Coleção. Polêmicas do Nosso Tempo).

<sup>2</sup> Licenciado em Filosofia, mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo.

hegemonia da racionalidade dos meios mais adequados para a realização dos fins predeterminados. Esta razão se separou daquela que orienta as decisões e se relaciona com sistemas de valor. A partir disso, o autor segue com comentários a partir das críticas de Adorno e Horkheimer à Modernidade.

Na segunda parte do texto, o autor aborda algumas das críticas que os autores, assim denominados (ou até autodenominados), “pós-modernos” tecem à Modernidade, bem como infere deste posicionamento algumas implicações para a educação. Uma compreensão mínima dessa controvérsia entre modernos e pós-modernos é de suma importância para que nos situemos como educadores. Goergen afirma que o caráter contraditório da pós-modernidade é, de um lado, a crítica à confiança no poder ilimitado da razão e do progresso e, por outro, “representa uma louvável abertura para a multiplicidade das vozes culturais espalhadas pelo planeta, não raro emudecidas ou sufocadas pelo centrismo e suposta superioridade da voz que parte da cultura europeia”. (p. 26) O autor procura relacionar as principais questões apresentadas, respectivamente, por Jean-François Lyotard, na defesa das teses da pós-modernidade, e Jürgen Habermas, defensor e crítico do projeto moderno. Além desses, são citados autores como Gianni Vattimo e Richard Rorty.

No terceiro capítulo, Goergen inicia descrevendo a “ética do discurso” trabalhada por Karl-Otto Apel e retomada por Habermas. O autor aponta para a distinção que Habermas faz entre ação instrumental e ação comunicativa: a primeira se orienta para o êxito, a segunda, para o entendimento. “Aquele espaço social onde

ainda sobrevive à ação comunicativa Habermas denomina de *Lebenswelt*, termo que foi traduzido para o português por *mundo da vida* ou *mundo vivido*. No *mundo da vida* predomina a *ação comunicativa*; no *mundo sistêmico*, a *ação instrumental*. (p. 42, grifo do autor) Segundo o autor, Habermas admite que uma das patologias da modernidade está na colonização do mundo da vida pelo mundo sistêmico; logo, a ação instrumental está tomando conta do espaço onde se discutem e validam as normas éticas. Assim, é preciso descolonizar o mundo da vida e reestabelecer os processos interativos onde emergem a espontaneidade, a solidariedade e intersubjetividade. Desse modo, o conhecimento linguisticamente mediado possibilitará a verdade mediante o consenso, e a moral transforma-se na ética do discurso.

Ainda no terceiro capítulo, Goergen estabelece um contraponto entre o que afirma Habermas quanto à ética e o que defende o sociólogo pragmatista francês Gilles Lipovetsky. Para Lipovetsky, cujas teses são marcadamente pós-modernas a ética teria traços eminentemente individualistas. “No entender de Lipovetsky, parece ter chegado ao fim a fase heróica e austera do dever e da obrigação, da exaltação das virtudes públicas e privadas, bem como da abnegação. [...] O espaço do dever, da ordem, da obediência cedeu lugar ao desejo, à busca de felicidade, à voz dos sentidos. (p. 58) Partindo dessas considerações é que Lipovetsky afirma que estamos num período de pós-moralidade.

O quarto e último capítulo do livro apresenta algumas perspectivas para o campo da educação diante deste debate epistêmico e ético. O papel da educação, para os mo-

dermos, é aperfeiçoar a natureza humana pela formação da razão e pelo acesso ao conhecimento, conforme salienta o autor (p. 60). Por meio disso, a humanidade se transformaria numa sociedade culta, eticamente boa e politicamente justa e igualitária. Entretanto, de acordo com o autor, “o ideal da formação do cidadão, homem emancipado e livre, através da razão, transformou-se no ‘ideal’ do homem submisso à ordem burguesa e aos seus interesses, disposto a aceitar as regras do mercado e a instrumentalização do ser humano a seu serviço”. (p. 61) Ora, isso evidencia, entre outras coisas, o porquê da crítica pós-moderna e coloca o questionamento: pode (ou deve), ainda, a educação se amparar nas metanarrativas? Ou, conforme Goergen (p. 62), “a crise das metanarrativas representa também uma crise da legitimidade dos fundamentos da cultura pedagógica amparada nestes metarrelatos?”. De outro lado, o autor enfatiza que não é possível afirmar o fim de todos os metarrelatos ou metanarrativas sem propor um novo metarrelato ou metanarrativa. Nesse sentido, é importante relativizar o discurso pós-moderno, que, andando de mãos dadas com o neoliberalismo, pretende fazer da educação

um produto comercial a mais, afinal nada deve se opor ao exercício das liberdades individuais cujo ambiente propício é o mercado.

Goergen salienta que, diante dessa controvérsia, o que devemos fazer como educadores “não é escolher entre Habermas ou Lipovetsky”, isto é, entre nos situarmos como modernos ou pós-modernos, “mas participar do debate entre ambos e, a partir daí, construir, em consonância com muitas outras vozes da sociedade, os princípios que possam orientar nossa prática educativa”. (p. 76)

Por fim, o autor considera que os desafios postos por este debate à educação estão apenas começando. Assim, é importante que, cada vez mais, os educadores enfrentem a tarefa de pensar a educação não somente a partir de questões como conteúdo e método, mas a partir de suas múltiplas facetas, especialmente no seu aspecto formativo, como também no seu aspecto ético e estético.

O livro é de boa apresentação e não traz maiores dificuldades para a leitura. O autor escreve de modo claro e objetivo. Esta leitura é fundamental para quem quiser se situar neste debate, assim como é recomendada a todos os educadores.